

Minha prioridade N° 1

TARDE DE DOMINGO. Meu filho e eu estamos no porão de casa, com nossas velhas coisas e muitos brinquedos espalhados pelo chão. Ele está jogando um *game* no computador enquanto eu arquivo meus papéis. Depois de alguns minutos, ele levanta os olhos e pergunta:

– Papai, você me ensina a arquivar?

– Mas por quê, filho? – pergunto. – Não é assim tão interessante.

Tommy, que tem oito anos, diz:

– Bom, você faz isso o tempo todo. É por isso.

Pouco depois, quando mamãe e eu estávamos nos aprontando para sair, a babá de Tommy ainda não havia chegado.

– Hummm..., ela parece ter desaparecido – digo.

– Não, papai – responde Tommy, levantando os olhos da pilha de documentos do arquivo. – Ela não parece ter desaparecido. Ela desapareceu.

– Uma boa correção do meu uso da gramática, filho. Você tem razão. Até onde sabemos, ela desapareceu mesmo. Estou impressionado.

– Não devia estar, papai – diz ele. – Afinal, você é escritor.

Mais tarde, Tommy e eu estamos

Os poucos anos que temos com nossos filhos passam com uma rapidez espantosa

BENJAMIN J. STEIN

deitados na cama, assistindo a um documentário na televisão. Ele faz mil perguntas, a maioria das quais eu mal sei responder. Depois, sem dizer uma palavra, deita a cabeça no meu peito. Após dez minutos, diz:

– Estou cansado, papai – e adormece, respirando de levinho por cima do meu pijama. É como estar no céu, como ser um deus, só que o lugar é aqui e agora.

Numa tarde de primavera, Tommy e eu estamos passeando pela cidadezinha de Oxford, em Maryland.

– Minha professora de latim no ginásio era da família proprietária daquela casa – eu lhe conto apontando a construção. – Era ótima professora. Fazia a gente vestir togas para recitar as Catilinárias.



Depois que lhe falo sobre Cícero, Catilina e Roma antiga, Tommy sai do quarto do hotel enrolado num lençol.

– Igual a você, papai, há muito tempo – diz, enquanto olho pela janela para que ele não me veja chorando de felicidade.

No dia seguinte, mostro-lhe o caminho que eu percorria e uma pontezinha que atravessava.

– Um dia tive uma briga com um garoto bem aqui – digo.

– Aposto que você o matou, hein, papai? – retrucou Tommy.

– Acho que não; acho que nenhum de nós acertou sequer um soco.

– Mas você é tão forte!

A única pessoa no mundo que acha isso, digo para mim mesmo. Faça uma

festa na cabecinha do meu filho e dou graças a ele e a Deus..

QUANDO TOMMY apareceu em nossas vidas, em 1987, eu não era muito bom pai. Tive muitas dúvidas quanto à adoção e um medo constante em relação à minha carreira. Também me sentia abandonado, como se sentem muitos pais quando a vida se concentra no novo bebê e na mãe. Andava aborrecido e passava pouco tempo com Tommy, quando bebê. Mas três fatos me fizeram mudar e, de certo modo, redimiram a minha vida.

Primeiro, um amigo íntimo me falou sobre pais que ficam tão obcecados com suas carreiras que não acham tempo para passar com os filhos. Isso não só era mau para os garotos, como também era um desperdício para os pais. Os filhos são um poço sem fundo de amor e estima pelos pais, disse ele, se os pais fizerem um pouquinho de esforço para explorá-lo. Para o resto do mundo você não passa de um homem que trabalha; para seus filhos você pode ser um ídolo. Para mim, que sofria humilhações constantes no trabalho, essa filosofia era muito atraente.

Segundo, outro amigo me disse que eu devia prestar atenção aos anos em que Tommy era novinho e gostava de estar comigo.

– Breve chegará o dia em que ele não vai querer ser visto com os pais. Faça a sua ligação agora, enquanto pode.

Como eu me lembrava do tempo em que tinha deixado de querer ser visto com meus pais, esse comentário também fazia sentido.

O final veio quando meu filho tinha uns 18 meses. Eu estava junto do seu berço, lendo uns versinhos infantis.

– Boa-noite, Tommy – disse eu. Num voz tranqüila, ele respondeu:

– Boa-noite, papai.

Eu nem imaginava que ele sabia falar, a não ser para dizer “dá” ou “papa”. E, no entanto, lá estava ele usando uma frase inteira, e dizendo “papai” com muito mais afeição e carinho do que eu merecia. Estava abalado ao sair do quarto dele e desde então Tommy passou a ser minha prioridade nº 1 na vida.

Passamos muito tempo juntos. Como meu horário de trabalho é flexível, a maioria das vezes vou buscá-lo no colégio. Cuido para que faça seus deveres de casa – e refaça, quando necessário. Em geral, preparo o jantar e lhe conto histórias na hora de dormir.

O tempo que passo com Tommy tem sido o meu investimento mais bem-sucedido. Temos um extraordinário relacionamento em matéria de partilhar as coisas. Ele acha que eu sei tudo. Também acha que sei fazer qualquer coisa. Um dia, quando estávamos atrasados para a sessão de cinema, disse-me: “Papai, ligue pra eles e diz pra não comecem a passar o filme até a gente chegar.”

Até há bem pouco tempo, quando ele arranhava o joelho achava que eu

podia curá-lo se o beijasse. Já notei que quando vou buscar Tommy no colégio, ou quando vamos fazer compras num dia de semana, sou o único pai presente. Todos os outros pais estão trabalhando, imagino, e ganhando muito mais dinheiro do que eu.

Isso por vezes me deixa com inveja, mas nunca por mais de alguns segundos. Acho que aprendi uma coisa que os outros não perceberam: se você trabalha bastante, em geral pode ganhar o suficiente para pôr o pão na mesa e manter um teto sobre sua cabeça.

Se você não for promovido este mês, sempre haverá outra chance. Mas os poucos anos entre os cinco e 15, quando o seu filho aprende a falar direito, ganha percepção das coisas que o rodeiam e tem enorme carinho para dar, esses anos passam com uma velocidade espantosa.

Nenhum bilionário pode fazer de seu filho um jovem dedicado e atencioso. Nenhum cargo importante pode substituir as ocasiões em que seu filho deitou a cabeça em seu peito e adormeceu. Não há limusine ou jato particular que compense a sua ausência quando o seu filho está passando da infância para a juventude. O tempo passado com Tommy não significa desviar a atenção do fato principal. É em si o fato principal.

© 1996 POR BENJAMIN J. STEIN. THE WASHINGTONIAN (JUNHO, 1996), 1828 L ST., N.W., WASHINGTON, D.C. 20036. FOTO: © DAVID FUKUMOTO



RAZÃO DADA PELO PILOTO Cale Yarborough para não se envolver em discussão com um colega de profissão: “Nunca lute com um porco. Ambos ficarão sujos, mas o porco gostará.”